



JOSEPH
ELLIOTT

A AVÓ



NORA

E A BÚSSOLA DO
CAOS

ilustrado por Nici
GREGORY



Oh, não. Tu, de novo?

Este livro não é o que tu pensas.

É MESMO ABORRECIDO.

Aliás, aqui não vais encontrar nada além de equações matemáticas longas e complicadas.

E curiosidades sobre lama.

Por isso, vai-te embora. E, fazas o que fizeres,
não o leias.

Equações matemáticas longas e complicadas

$$1. \cos^2\left(a \times r\right) \times (f)^1 = 4\left(\frac{a^3}{2}\right)\left(\frac{\pi}{2}\right) \sin^{-2}(m)$$

$$2. \pi - \arccos m^1 + m^1 - 1 = \sin x + xy^1 + 90$$

$$3. 4\left[\left(\frac{x}{2} \times 0 + \frac{a^2}{2} \sin^1\right) - 0\right] = 4\left(\frac{a^2}{2}\right)\left(\frac{\pi}{2}\right) = \pi a^2$$

$$4. \sqrt{a^3 \sin^{-2}(m) + h^2 \cos^{-2}(m)} \text{ bt}$$

$$5. a^2 (3 \times 10^2 \text{ ms}^{-1})^2 \frac{1}{\pi} = \frac{\sqrt{4}}{531} \sum_{n=0}^{\infty}$$

$$6. \frac{(6m)(7211m+5542)}{(n)^2 1527^{2n}}$$

$$7. \sum_{n=2}^{\infty} \frac{(5m)!(1582+5340m)}{(n)^2 952^{2n}}$$

$$8. e = 1 \text{ kg} \times (3 \times 10^2 \text{ ms}^{-1})^2$$

Curiosidades sobre a lama

1. A lama é castanha.
2. A lama é lamacenta.
3. A lama é feita de lama.
4. A lama é húmida (às vezes).
5. A lama é seca (às vezes).
6. A lama pode ser encontrada em locais lamacentos.
7. A lama não sabe nada bem.
8. A lama não está na moda.
9. A lama pode ser usada para fazer tartes de lama.
10. A lama não pode ser usada para fazer tartes verdadeiras.

Espera — como? Era suposto aquelas equações matemáticas longas e complicadas e as curiosidades sobre a lama livrarem-me de ti. Ou aborrecerem-te de tal forma, que tu adormecias e me deixavas em paz.

NÃO SABES PERCEBER
UMA DICA?

Já sei o que estás a fazer.
Tu viste este livro, com
a sua capa elegante e o
meu nome em letras
gigantes e pensaste:
*Ena, mais uma história
sobre a (fantástica,
glamorosa, simpática,*



tão incrivelmente jovem para a sua idade) Nora, cheia de aventuras, adrenalina e monstros que disparam ranho pelas narinas...

Bem, posso já adiantar-te que estavas com a ideia ERRADA.

Não há aqui nenhuma aventura empolgante, e estou demasiado ocupada para inventar uma. Na verdade, estava mesmo prestes a colocar um pouco de protetor labial e ir dar um mergulhinho no lago. Por isso, faz-me um favor e **VAI-TE EMBORA.**

Oh, pela alminha da santa. És pior do que uma mosca — uma daquelas mesmo irritantes, que insistem em tentar aterrar na tua torrada e limpar as suas patinhas malcheirosas à tua compota. Com a diferença de que **tu** és duas vezes mais persistente (e duas vezes mais irritante).

Está bem, está bem, está bem. Pronto, já chega, que seja. Vou contar-te uma história, mas desta vez vais ter de pagar por ela. E não venhas com esse disparate de «Eu já paguei o livro». Tu pagaste a capa. E o privilégio da minha atenção. Se quiseres mais do que isso, vai custar-te o equivalente a três semanas. Aceito pagamento numa das seguintes modalidades:



- numerário
- cheque
- transferência bancária
- queques recheados

Temos acordo? Muito bem. Nesse caso, vou continuar. Até porque, agora que falamos nisso, *efetivamente* aconteceu-me algo extraordinário e inacreditável no decorrer da semana passada. E se achaste que o primeiro relato que te fiz já era de doidos — sobre a Garra Mortal e o Kraken, os *zombies* podres, que se alimentavam de gritos, e os chorões, com a sua sede de sangue —, então prepara-te, porque esta história é MUITO. MAIS. LOUCA.





A festa de aniversário

Era o aniversário do Niko, e ele ia celebrar o dia com uma grande festa. Eu não gosto de festas de aniversário. Nunca gostei. Conversas aborrecidas com pessoas que não conhecemos, folhados de salsicha mornos, crianças com ranho a escorrer-lhes pelo nariz enquanto cantam «Parabéns a Você» escandalosamente fora de tom... Não, muito obrigada, não dá para mim.

Quando o Niko me convidou, inventei todas as desculpas possíveis para não ir, mas, de alguma forma, ele conseguiu convencer-me de que seria divertido. Gosto muito do marido do meu neto, e ele é tão charmoso que foi difícil dizer-lhe que não.

Na tarde do dia da festa, lá estava eu, diante da porta de entrada da casa dele, com um enorme ramo de lírios-do-pôr-do-sol que tinha arranjado na minha loja nessa manhã (tenho uma florista, lembra-te?). Amarrados à porta estavam três balões dourados, que balançavam ao ritmo do vento. Toquei à campainha e aguardei, de pés inquietos. Dava para ouvir, no interior da casa, os guinchos e gritos de crianças com excesso de açúcar no sistema. Eu estava prestes a mudar de ideias, livrar-me das flores e pisgar-me dali para fora quando a porta se abriu de rompante, colocando-me cara a cara com um guerreiro ninja impiedoso.

O meu coração quase parou. Por que motivo estaria um ninja à espreita na casa do Liam e do Niko? Trajava um fato negro com uma faixa vermelha à volta da cintura. Um capuz escuro projetava sombras sobre o seu rosto, que, por sua vez, estava coberto por uma máscara de cor vermelho-sangue. Mas foi a espada na mão que verdadeiramente



me captou a atenção, pois era a mais longa que eu alguma vez tinha visto: uma catana japonesa com uma lâmina de um metro de comprimento.

Ele ergueu a sua arma, pronto para atacar. Agindo por instinto, iniciei o ataque, desferindo golpes com os lírios sobre a sua cabeça ao mesmo tempo que o pontapeava na canela.

— Ai! — gritou o ninja, deixando cair a sua espada. Atirei as flores ao chão e agarrei a espada, apontando-a ao meu agressor. Mas algo não batia certo. A arma era demasiado leve e a distribuição de peso dava a entender que era feita... de plástico? — Avó, sou eu — disse o guerreiro ninja, enquanto retirava a máscara e revelava ser o meu neto, o Liam. Os meus olhos arregalaram-se de surpresa.

— Oh — disse eu. — Pensei que eras um ninja.

— Chama-se a isto *vestir a rigor!*

Ah, sim, o Niko tinha mencionado algo sobre isso, mas descartei a informação de imediato, pois não tinha qualquer intenção de participar.



Eu não me visto a rigor. Não se o conseguir evitar. As pessoas que se vestem a rigor: (a) parecem ridículas, (b) estão a tentar parecer mais interessantes do que na verdade são e (c) parecem ridículas.

O Liam abanou a cabeça e sorriu, enquanto esfregava a sua perna magoada.

— Chixa, tu sabes mesmo como dar uns pontapés.

— Dá sempre jeito. De qualquer forma, de que estavas à espera, ao abrires a porta vestido dessa maneira? Devias dar-te por contente por teres levado um único pontapé na canela.

— E umas quantas pancadas na cabeça com um ramo de flores — recordou-me ele, enquanto me passava o *bouquet* de lírios enlameado. Peguei neles e devolvi-lhe a espada de plástico.

— Só para que saibas, essa espada é uma catana, a arma preferida dos samurais, não dos ninjas. Se querias ficar com um ar autêntico, devias ter arranjado umas quantas *shuriken*, também conhecidas como estrelas ninja.

O Liam ergueu uma sobrancelha.

— E desde quando é que te tornaste uma perita em armas japonesas?

Abri a boca, pronta para o presentear com uma resposta espirituosa, mas, antes de ter oportunidade para isso, uma criança indisciplinada, vestida de peixe, desceu o corredor a correr. Lançou-se



nos meus braços com tamanha força, que quase me derrubou.

— Bisa, estás aquiiiiiiiii! — disse a Aurora, balançando-se para trás e para a frente enquanto me abraçava.

— Parece que sim — respondi-lhe.

— Olha para mim! — Ela deu um passo para trás, para me mostrar o seu disfarce, que era menos «vestido a rigor» e mais «caixa de papelão velha pintada de laranja». — Sou o Nemo! — guinchou ela. — Do *À procura de Nemo!*

— Pois és — disse eu. Apontei para o rosto dela. — Encontrei-te!

Ela achou hilariante e desatou a rir, histérica. Ao que parece, sou ainda mais engraçada do que pensava.

— Vá, vamos até à cozinha — disse o Liam, enquanto nos guiava pelo corredor.

A casa do Niko e do Liam era extremamente limpa e branca. Todas as paredes eram brancas. Todas as portas eram brancas. Até os corrimãos

e os rodapés eram brancos. Parece que gostam de branco.

Os únicos rasgos de cor vêm dos quadros grandes, pendurados nas paredes, que foram pintados pelo Liam. É um artista bastante talentoso. Pelo menos, é o que pessoas com a mania das artes parecem pensar. Não faço ideia do que é suposto estar representado nos seus quadros, mas as pessoas endinheiradas parecem gostar de lhe pagar imenso dinheiro por eles.

Fomos diretos à cozinha, que estava cheia de pessoas a conversar e a servirem-se de bebidas e petiscos. Assim que chegámos lá, a campainha voltou a dar sinal. O Liam disse-me para ficar à vontade e saiu para receber os convidados, com a Aurora aos pulinhos atrás dele. Fiz físgas, na esperança de que fosse o Grisado, o senhorio do Escorpião Enferrujado. Tinha-o feito prometer, pelo seu mamilo esquerdo, que também viria à festa, certa de que ele a tornaria ligeiramente mais suportável.

Perscrutei a cozinha, mas não vi ninguém que reconhecesse. Estavam todos rigorosamente vestidos com «Coisas que começam com a letra N», que era o tema da festa. Havia um narval, um *nerd*, pelo menos seis nobres... Um jovem empreendedor qualquer tinha mesmo ido vestido de taça de nachos. Nem me atrevo a imaginar quanto tempo ele tinha desperdiçado a preparar *aquela* disfarce.

— Olá, Bisa! — disse o Artur, ao chegar do jardim com uma pistola de água pendurada de lado e aproximando-se para um abraço lateral.

— Então, Ratinho, como estás?

→ É assim que eu lhe chamo, Lembras-te? Porque quando era bebé parecia um rato. E à Aurora chamo «Despenteada», porque tem sempre o cabelo num oito. É importante fazê-los sentirem-se especiais.



— Estou bem — respondeu o Artur —, embora estes ramos me deem comichão. — Coçou um dos braços com grande afinco. Estava coberto dos pés à cabeça de galhos partidos, e tinha três aves de poliestireno sobre a cabeça. — Sou um ninho — disse ele, como se houvesse sequer necessidade de qualquer esclarecimento.

— Sim, até aí já percebi — disse-lhe eu.

— O pai achou que ia parecer fixe.

— Não passa despercebido, isso é certo...

— Onde está o teu disfarce? — perguntou-me ele.

— Vim disfarçada de mim própria. Nora. Começa com «N», não começa?

— Mas, Bisa, isso é batota!

— Que é uma das coisas que faço melhor — disse eu. — Ora bem, afinal, o que se bebe por aqui?

O Artur levou-me até ao balcão da cozinha, onde me livreii do ramo de lírios e me servi de dois copos grandes de ponche (um para cada mão). O Artur encheu a pistola de água e em seguida desapareceu pela porta das traseiras para o jardim.

Estávamos a meio do verão e o jardim estava completamente florido: delfínios roxos, papoilas-californianas, dâlias rosa-claras e petúnias listradas. Um jasmineiro enorme trepava pela lateral da casa, imbuindo o ar com um aroma deliciosamente doce. Seria uma vista encantadora, não fosse pelo facto de o jardim estar repleto de crianças aos berros. Os amigos do Liam e do Niko parecem todos ter pelo menos três filhos (dá a sensação de serem bem mais), por isso as festas deles estão sempre cheias de pequenos diabretes.

Na eventualidade de te teres esquecido de como tenho tolerância zero e absolutamente nenhuma paciência no que toca a crianças, deixa-me recordar-te: tenho tolerância zero e absolutamente nenhuma paciência no que toca a crianças.



→ O Artur e a Aurora são uma ligeira — *muito ligeira — exceção, porque são os meus (bis)netos, e ao longo das inúmeras horas que me vi forçada a passar na sua companhia, acabei por aprender a tolerá-los de certa forma, mas no que toca às outras*

erianças... Elas choram, cheiram mal, choramingam, cheiram mal, metem o dedo no nariz, molham a cama, fazem demasiadas perguntas, tropeçam nos próprios pés, queixam-se quando não lhes fazem as vontades e pavoneiam-se quando lhes fazem as vontades. Ah, e cheiram mal. Em resumo: não há tempo para elas.

— Muito bem, tenho de ir. Vemo-nos mais tarde, Bisa — disse o Artur, antes de sair apressado para se juntar a um grupo de cinco ou seis miúdos para uma batalha de água. Estavam todos munidos de pistolas, molhando-se uns aos outros, enquanto se desviavam e se lançavam para trás de arbustos e cadeiras, com muitos gritos e guinchos à mistura. Não pude deixar de censurar a sua técnica de assalto, que, com toda a honestidade, era abismal.

O *Norberto* — o ganso que tínhamos resgatado na nossa viagem à Cornualha — agitava freneticamente as asas enquanto tentava ambientar-se, o que só contribuía para a sensação geral de caos. Um tiro preciso fez um jato de água voar na minha direção.


Lancei um silvo ao responsável, que desatou a correr, aos gritos.

— O convidado de honra chegou! — anunciou alguém. Virei-me e vi o Niko aproximar-se de braços abertos. Estava vestido de *zombie* neurocirurgião, com um fato rasgado a condizer, uma pintura facial demoníaca e doses generosas de sangue.

Não tive coragem de lhe dizer que, tecnicamente, «*zombie* neurocirurgião» começa com «Z», não com «N»; afinal, era o aniversário dele.

— *Yassou, Yaya Nora*, fico tão feliz por te ver aqui! — disse ele, e beijou-me as duas bochechas.

— *Hrónia pollá* — respondi eu, testando a frase grega que tinha pesquisado no Google umas horas antes.

 Sim, eu sei utilizar o Google, muito obrigada. Não sou completamente inepta.

— Ah, então agora falas grego, é isso? — O Niko piscou-me o olho e deu-me um toque no braço com o cotovelo. — *Eímai entyposiasménos*. Estou impressionado!



— Trouxe-te flores — disse-lhe eu. — Mas bati na cabeça do Liam com elas, por isso estão meio desfeitas.

— Bem, obrigado...? — disse o Niko.

— Já posso tirar estes ramos, papá? — perguntou o Artur, surgindo ao lado do pai, sem fôlego devido à batalha de água.

— Só depois do bolo — respondeu-lhe o Niko, apontando para a mesa da comida, onde um magnífico bolo de chocolate com três andares ocupava o lugar de destaque, coberto de granulado dourado e cerejas brilhantes. *Abençoado o deus do bolo!* Talvez esta festa não fosse uma perda de tempo, afinal. — Vem comigo, Yaya — continuou o Niko. — Está ali alguém que te quer ver.

Ele agarrou-me pelo pulso (eu ainda estava a segurar nos dois copos de ponche) e conduziu-me

até às traseiras do jardim. Pelo caminho, fomos apanhados num fogo cruzado da batalha de água e eu levei com outra esguichadela. Também pisei um folhado de salsicha esmagado e quase tropecei num ganso grasnante; era um percurso perigoso.

Mais ou menos a meio do jardim deles, há uma velha cerejeira, e estava alguém sentado debaixo dela numa cadeira de praia às riscas. Usava um grande chapéu e estava de costas para nós, por isso não consegui perceber quem era.

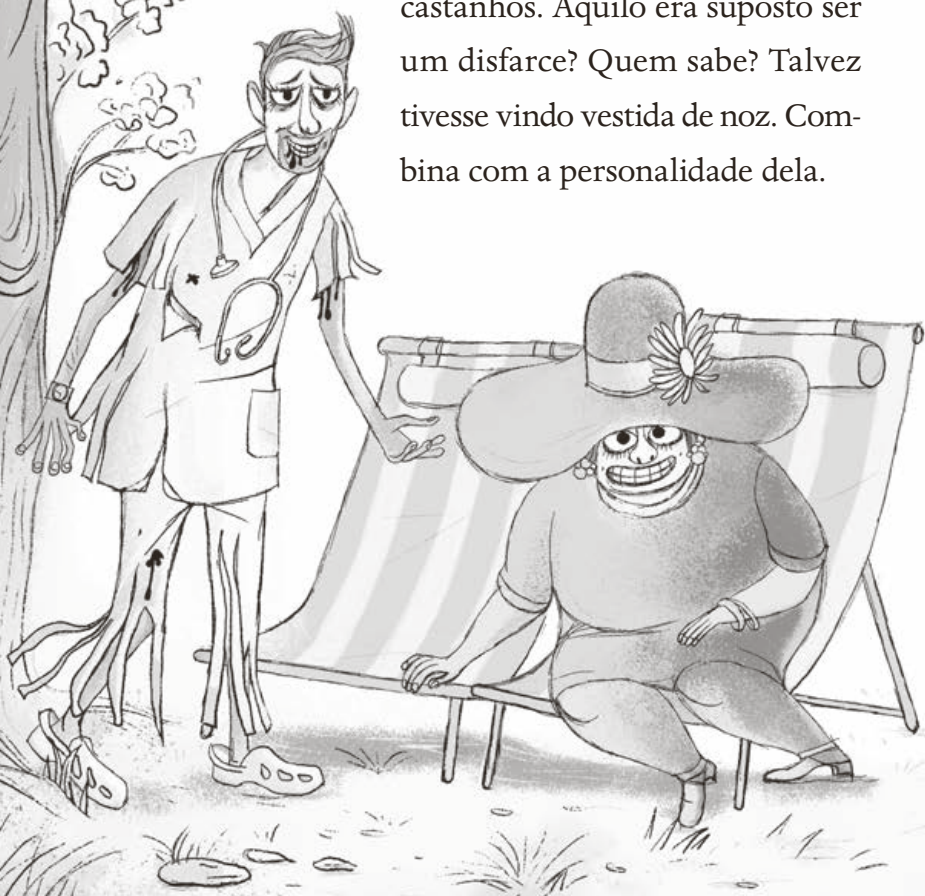
— Lembras-te da minha tia Milinha? — perguntou-me o Niko.

O meu coração afundou-se. Eu tinha caído numa armadilha. *Claro* que me lembrava da tia Milinha — a pessoa mais aborrecida de toda a história das pessoas aborrecidas. Conversas que ela já me tinha imposto no passado incluíam:

- Uma explicação detalhada sobre a melhor forma de se engomar uma meia.

- Um relato interminável da vez em que fora visitar umas pedras antigas.
- As muitas razões pelas quais não tem grande apreço por alface *iceberg*.

Ela levantou os olhos para mim, por baixo do seu chapéu com abas flexíveis. Trazia um vestido castanho, *colãs* castanhos e sapatos castanhos. Aquilo era suposto ser um disfarce? Quem sabe? Talvez tivesse vindo vestida de noz. Combina com a personalidade dela.



— Senta-te, senta-te — disse a tia Milinha, com o seu sotaque grego, carregado, indicando a cadeira de praia vazia ao lado dela.

O que é que eu podia fazer? Posso ser mal-educada, mas não sou assim *tão* mal-educada.



— *Está bem, eu sou mesmo assim tão mal-educada, mas o Niko estava a olhar para mim com tanto entusiasmo — feliz por finalmente ter encontrado alguém (uma vítima) para fazer companhia à tia — que acabei por me sentar na cadeira.*

— Pronto, então vou deixar as duas amigas a porem a conversa em dia — disse o Niko. A palavra «amigas» fez-me estremecer fisicamente. Ele deu-me uma palmada no ombro e deixou-me ali. A apodrecer.

— Estava com esperança de que viesses para ao pé de mim — disse a tia Milinha, como se eu tivesse tido escolha. — Quero muito falar-te da minha coleção de colheres antigas...

Os meus dois copos de ponche não duraram muito. Entornei o primeiro quando ela pronunciou

as palavras: «A história da colher é, na verdade, muito interessante», e o segundo desapareceu pouco depois.

Enquanto ela falava, eu fazia caretas e acenava com a cabeça, a tentar ao máximo não ouvir uma única palavra do que dizia, enquanto implorava mentalmente que o Grisado aparecesse. Assim que ele chegasse, eu podia inventar as desculpas necessárias e abandonar o local. Mas ele nunca chegou.

Tentei ignorar a sensação estranha, no intestino delgado, que me dizia que algo estava errado. É difícil ignorá-la (ainda mais difícil do que ignorar a tia Milinha a tagarelar sobre colheres antigas), porque o meu intestino delgado tem um instinto notável para este tipo de coisas. Além disso, o Grisado nunca se atrasava. Na verdade, chegava quase sempre mais cedo. Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa?

Fui arrancada aos meus pensamentos por um salpico de água no colo. Lancei um olhar furioso aos ranhosos que ainda estavam na sua batalha

de água (e a demonstrar uma pontaria chocantemente má). O esguicho seguinte acertou-me diretamente no olho. Foi um esguicho a mais. Isso, combinado com os constantes guinchos agudos das crianças, a tia Milinha a entusiasmar-se demasiado com colheres e o facto de ainda ninguém me ter oferecido uma fatia de bolo, fez-me perder a paciência.

Levantei-me de imediato da cadeira de praia — um ligeiro excesso de confiança; os meus joelhos já não são o que eram —, atravessei o relvado a passos furiosos e agarrei na mangueira do jardim.

— Vocês chamam a isso uma batalha de água? — gritei. — Eu já vos mostro o que é uma batalha de água!

Apontei a mangueira à criança mais próxima — uma rapariga com ar doentio, vestida de *nugget* de frango — e abri a torneira. A água jorrou e acertou-lhe em cheio na cara. Ela caiu no chão a chorar. Um tiro perfeito! Depois virei-me para as outras crianças, derrubando-as uma a uma.

→ Também posso ter «acidentalmente» enfiado a tia Milinha no processo — arrancando-lhe o chapéu de abas flexíveis da cabeça —, mas, se alguém perguntar, foi um acidente, está bem?

A última criança ainda a agarrar uma pistola de água era o Artur. Ele sorriu, a pensar que me podia vencer. Escondeu-se atrás da cerejeira e depois correu numa grande volta em redor das mantas de piquenique, na esperança de me apanhar por trás. Mas, mal surgiu do outro lado do grelhador, eu já o tinha na mira e lancei-lhe uma mangueirada. A água acertou-lhe no peito, fazendo-o tombar para trás, diretamente contra a...





Pronto, não tenho exatamente orgulho no que aconteceu a seguir, mas o Artur estava em frente da mesa quando o atingi, e, quando caiu em cima dela, fez com que toda a comida — incluindo o bolo de chocolate de três andares, coberto de granulado dourado e cerejas reluzentes — desabasse em cima dele.

Fechei a torneira, e a água da mangueira foi abrandando até parar num fiozinho. Toda a gente no jardim ficou em silêncio. Olhavam à volta, para o rasto de destruição encharcada que eu tinha deixado. E depois olharam todos para mim.

— Já está na hora do bolo? — perguntei.

TU, OUTRA VEZ?!

Não percebeste o recado?

SIM, eu sou a maior Caçadora de Monstros de sempre. **SIM**, sou incrivelmente charmosa e extremamente divertida. Mas **NÃO**, nem penses que te vou falar daquela vez em que tive de ir atrás de um Caçador de Monstros renegado, chamado Lâmina-Noturna, e combater vários tipos de monstros pelo caminho: desde devoradores de unhas, como os *skuttlekrags*, a cuspidores de gelo, como os *jujugars*. Portanto, põe lá o livro de volta na estante e **DEIXA-ME EM PAZ!**



«Uma farsa anárquica repleta de ilustrações hábeis e com uma narradora octogenária inesquecível.»

THE GUARDIAN



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

www.penguinlivros.pt

@ f penguinkidspt

ISBN: 978-989-596-047-7



9 789895 960477